

# Notas de Programa

*Marcelo Batuíra Losso Pedroso\**

## Sergei Prokofiev: Pedro e o Lobo

Em 1936, a diretora do Teatro Central para Crianças (de Moscou), Natalia Saz, solicitou ao compositor russo Sergei Prokofiev (1891-1953) que compusesse uma peça para que as crianças aprendessem e se familiarizassem com os instrumentos de uma orquestra. Assim, nasceu *Pedro e o Lobo*, um "conto musical para crianças". História e música foram criadas por Prokofiev, tendo sido estreada em 2 de maio de 1936, com a própria Natalia Saz como narradora.

É uma peça ingênua e simples, mas encantadora, a tal ponto que é encenada pelo mundo afora até hoje e narrada em várias línguas. Enquanto o narrador fala, a orquestra pontua, em *intermezzos* musicais, os diferentes protagonistas da história.

Por muito tempo refleti sobre a relação entre o som da clarineta e o gato. Explico-me. Além de "Pedro e o Lobo", também fazem parte dessa história um pato, um passarinho, o avô de Pedro e um gato.

Pedro é representado pelas cordas da orquestra; o passarinho, pela flauta transversal; o pato, pelo oboé; o avô, pelo fagote; o lobo, pelas trompas e o gato, pela clarineta. Há ainda os caçadores, quando ouvimos o trompete e os instrumentos de sopro, com "tiros", simulados pelo tímpano e pelo tambor.

Cada um dos personagens tem uma melodia que caracteriza sua entrada em cena, como numa ópera (o famoso "*leitmotiv*"), porém, a história não é cantada, mas sim narrada, para que as crianças possam entendê-la mais facilmente e, é claro, identificar numa orquestra a função de cada instrumento.

O que desperta interesse foi que Prokofiev, com acerto, escolheu a clarineta, de som aveludado, escuro e macio, para associá-la ao gato, com seus passos mansos, prontos para atacar uma presa, a qual, sem dúvida, é o passarinho. Muito embora, na história, o gato tente comer o passarinho, ele não é visto nem como bom ou mau, mas é apresentado às crianças como um fato da natureza animal.

Na hora em que o lobo aparece, este, predador de todos os personagens, o passarinho voa para um galho mais alto, o gato sobe rapidamente na árvore, escalando-a com suas garras, e o pobre pato é comido pelo lobo. Mas a história, no final, é que Pedro caça o lobo, mas não o mata, apenas o imobiliza com uma corda. Seu destino ser ao jardim zoológico. Bem, e o pobre pato? Este

continua vivo, pois o ouvimos (o som do oboé) na barriga do lobo. O lobo, com tanta pressa, acabou por engolir o pato vivo!

O clássico timbre aveludado que a clarineta produz em suas notas mais graves é realmente a figura simbólica do gato chegando de mansinho para dar seu bote instintivo, ou para desfilar sua pelagem elegantemente (como ocorre no cortejo final da história, quando o lobo é levado ao jardim zoológico).

### **Grøndahl – Concerto para trombone e orquestra**

O trombone é aquele enorme e esquisito instrumento de metal que fica escondido lá no fundo da orquestra. Seu valor, contudo, é inquestionável. Desde o fim da Idade Média já era utilizado na música sacra, quando o trompete ainda era um mero instrumento de batalhas e a trompa francesa servia para caçar raposas. Porém, graças à sua capacidade de “cantar como um coro de padres”, no dizer de Hector Berlioz, esse instrumento já fazia parte da música litúrgica medieval e passou a ser importante componente nas orquestras modernas. Não obstante, sua participação em como solista em concertos é quase nula.

Dentro de um repertório limitadíssimo, emerge como um clássico moderno o concerto escrito pelo dinamarquês Launy Grøndahl (1886-1960) quando estava em uma de suas temporadas na Itália, em 1924. Esse nome é, com certeza, desconhecido do público; mas na Dinamarca, Grøndahl construiu uma bela reputação, ao lado de Carl Nielsen (1865-1931), seu conterrâneo mais famoso.

O concerto para trombone é sua obra mais conhecida, composta em três movimentos, ele se inicia com um vigoroso e declamatório tema principal a cargo do solista; seguindo o movimento lento, “*quasi una leggenda*”, onde podemos ouvir esse lado cálido e lírico do trombone. O último movimento é quase um rondo, volta o tema principal contrastando com novas ideias musicais seguidas de seções recitativas, alternadas por passagens em piano, para encerrar a obra vigorosamente.

### **Dvořák - Sinfonia n. 9 em mi menor, Op. 95 “Do Novo Mundo”**

Em junho de 1891, Jeannette Thurber, esposa de um milionário atacadista novaiorquino, convida Antonín Dvořák para dirigir o recém criado Conservatório Nacional de Música de Nova York. Seduzido pelo pomposo salário de quinze mil dólares norte-americanos, Dvořák aceita o

convite e muda-se para uma típica *townhouse* nova-iorquina situada no número 327, da 17th Street, entre a Primeira e Segunda Avenidas.

O Conservatório Nacional de Música ficava a poucos passos de sua casa (onde hoje se situa o Washington Irving Campus). Foi nessa residência que ele escreveu sua nona e última sinfonia. Infelizmente essa casa já não existe mais, mas uma estátua do compositor ergue-se imponente na praça em frente, desde 1997.

Dvořák dirige o Conservatório de 1892 a 1895. Após passar o verão na comunidade tcheca de Spilville, em Iowa, passa a se dedicar, nos meses seguintes, à composição de sua nona sinfonia. Sua estreia se deu no dia 15 de dezembro no Carnegie Hall, com Anton Seidl à frente da New York Philharmonic.

Na ocasião, o jornal The New York Post publica que se tratava da mais grandiosa sinfonia já composta em terras americanas. E não era para menos, após a execução do segundo movimento desta sinfonia, a orquestra foi interrompida por um clamor de palmas do público que forçou o compositor sair do fundo do palco para agradecer. Mesmo depois de retornar ao *foyer* do teatro, tanto público, como a própria orquestra, o aplaudiam freneticamente.

Durante sua estada, o compositor tcheco descobre uma abundância de melodias étnicas nativo-americanas. Pouco antes de entregar as partituras, já prontas, para a New York Philharmonic executá-la, ocorre-lhe a ideia de explicar aos músicos que sua nova sinfonia seria uma espécie de “impressões e saudações do Novo Mundo”. Daí ficou o apelido pelo qual ela é largamente conhecida: “Do Novo Mundo”.

Ritmos sincopados e melodias modais são emblemáticas de muitas canções populares e folclóricas, tanto da Bohemia, sua terra natal, como dos Estados Unidos da América. Dvořák resgatou essa tradição musical indígena e afro-americana (muito em voga na época) tais como “*Swing Low, Sweet Chariot*” e “*Massa Dear*”. Outra influência sobre esta sinfonia que poucos ousam mencionar foi o fato do compositor ter assistido ao famoso show “*Buffalo Bill Wild West*”, na primavera de 1893, do qual ele, provavelmente, retirou os cantos e danças indígenas da tribo Oglala Sioux.

Ao ouvirmos a nona Sinfonia de Antonín Dvořák, mesmo logo de início, após seu portentoso *adagio*, em seu rápido *allegro*, em tom menor, já percebemos (mesmo sem identificar qual melodia) que sua música espelha esse descobrimento (e deslumbramento) de novas fronteiras musicais não antes exploradas. A ênfase nos metais e nos sopros, em oposição às cordas, já demonstra o frescor da nova sonoridade produzida, separando-a dos padrões europeus.

O talento de Dvořák e sua propensão a desenhar paisagens em música fica evidente no primeiro movimento. Mas essa paisagem é extraída das pinturas norte-americanas, especificamente da escola *Hudson River School of American Painters*. Esses elementos vão, aos poucos, evocando a beleza natural da América, suas rochas, suas montanhas, seus rios. A primeira das melodias populares que podemos identificar, pelo solo da flauta no primeiro movimento, é o *negro-spiritual* “Swing Low, Sweet Chariot”.

Contudo, é no segundo movimento que se vê mais claramente uma canção popular: “Goin’ Home”. É quando se observa a influência das chamadas “*sorrow songs*” americanas, enfatizando os temas de perda, tristeza e morte. Outra notória fonte inspiradora desse movimento foi o poema épico “*Song of Hiawatha*”, de Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882), escrito em 1855.

Podemos considerar que o segundo e o terceiro movimento dessa sinfonia sigam um caráter programático, com base nesse poema épico. É o próprio compositor quem reconhece isso, num artigo de sua autoria publicado no New York Herald Tribune, no dia da estreia de sua sinfonia.

O poema de Longfellow conta a vida de um índio de nome Hiawatha, o qual inventa a linguagem escrita, descobre a utilidade do milho, entre outras aventuras e de sua amada Minnehaha. O tema triste da canção “*Goin’ Home*” harmoniza perfeitamente com a história e contextualiza a dramática morte de Minnehaha.

O *scherzo* que se segue toma por base uma dança do “*Pau-Puk-Keewis*” do episódio do casamento de Hiawatha e de sua perseguição pela floresta. Com vasto uso da percussão, a ciranda de ritmos selvagens evocam bem a dança nativa dos indígenas americanos, em especial pelo uso dos tímpanos. A melodia, logo em seguida, sugere os sentimentos de Hiawatha de tristeza e expiação diante dos acontecimentos. A justaposição dessa melodia com os ritmos de dança é irresistível.

O último movimento é um *allegro com fuoco* que sai da tonalidade mi menor do *scherzo* para um triunfante mi maior. Trata-se da descrição pujante de um novo mundo. Há um tema emprestado da nona sinfonia de Beethoven, transitando para um tema de marcha que ressoa como uma sinfonia de Brahms, porém, vai se transmutando para tons wagnerianos no decorrer do movimento.

\*É doutor em Direito pela USP e pós graduado pela The Anderson School of Management da UCLA – Los Angeles e diretor do Jornal de Piracicaba.